

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JUNHO 2018)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas) constata-se, em **junho de 2018**, uma produção de 192 283 tons, contra 193 879 tons de junho de 2017, uma ligeira quebra, de 0.82% face ao mês homólogo do ano anterior, o que acontece pelo segundo mês consecutivo.

Assim, neste primeiro semestre de 2018, temos 3 meses em alta e 3 em diminuição, que ficam a dever-se, essencialmente, aos diferentes dias de fabrico, pese embora se assista, à medida que vamos avançando no tempo neste 2018, uma tendência para a desaceleração em alguns setores como os ruminantes, o que é normal pela maior disponibilidade de pastagens e forragens, que pode ser posta novamente em causa pelas temperaturas extremas a que temos assistido nestes últimos dias, sendo certa a instabilidade climática que afeta não só o comportamento das plantas mas também dos animais, para além de novas zoonoses.

As alterações climáticas são, de facto, um enorme problema (e desafio) a ter em conta.

Para já, a evolução do mercado, medido pela amostra, em junho, foi de relativa quebra, consequência da redução da procura nas aves (-1.7%) e bovinos (-1.0%), que não foram compensados pela tendência inversa nos suínos (0.5%) e outros animais (3.3%). Temos igualmente menor produção em junho face a maio, situação que já tinha acontecido em 2017.

Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Amostra Representativa)

	Toneladas		
	Junho 2017	Junho 2018	Variação (%)
AVES	100 371	98 646	-1.7
BOVINOS	41 311	40 902	-1.0
SUINOS	41 632	41 819	0.5
OUTROS	10 565	10 916	3.3
TOTAL	193 879	192 283	-0.8

Ao nível da conjuntura económica e social em Portugal, as perspetivas são relativamente positivas ao nível do crescimento da economia (embora menos que os nossos principais concorrentes), existe a dívida que continua a ser elevada, com os dados mais positivos no emprego, com uma taxa de desemprego, com mínimos desde 2002, a apontar para os 6.7% em junho. Por outro lado, existem sinais preocupantes quanto à falta de mão-de-obra em Portugal, que dificulta o investimento e as questões ligadas ao funcionamento da justiça (duração dos processos e resolução de conflitos), os licenciamentos, com muitas entidades envolvidas, e o sistema fiscal, que penaliza as empresas e a sua competitividade. Se tivermos em conta que os custos de contexto, a começar pela excessiva burocracia, e a enorme carga fiscal, para além dos custos energéticos, são um enorme entrave para o sucesso das empresas, a não resolução destes problemas estruturais, se pensarmos nas eventuais medidas que poderão ser tomadas em ano de eleições, a par de algumas tensões laborais, então as reformas ficarão, uma vez mais, adiadas e, pelo contrário, tenderão a existir algumas de cariz mais populista (ao nível da nutrição e alimentação) que poderão colocar em causa a reputação do agroalimentar. E também não se espera nada de novo nas relações com

a grande distribuição e a importância das promoções nas decisões de compra da parte dos consumidores, pese embora as PIRC tenham estado em processo de consulta pública. Há que manter a inflação baixa (1.5% em junho, subida para 1.6% em julho) não importa se à custa dos fornecedores... E sem medidas estruturais, sem auscultar as empresas e os empresários ou quem os representa, é bem mais difícil competir no mercado nacional e fazer face (ou contrariar), às importações.

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2016	2017	2018	VAR % 2018/17
JANEIRO	177 309	193 210	209 886	8.6
FEVEREIRO	177 524	171 577	184 759	7.7
MARÇO	198 431	208 306	200 833	-3.6%
ABRIL	184 805	180 973	190 932	5.5
MAIO	189 448	203 042	196 499	-3.2
JUNHO	190 945	193 879	192 283	-0.8
JULHO	184 806	194 496		
AGOSTO	199 259	204 501		
SETEMBRO	196 772	198 101		
OUTUBRO	199 257	205 189		
NOVEMBRO	196 960	209 144		
DEZEMBRO	188 594	200 230		
TOTAL	2 284 110	2 362 648	1 175 192	2.1

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	Jan-Jun 2017	Jan-Jun 2018	Variação (%)
AVES	595 053	596 700	0.1
BOVINOS	238 735	256 255	7.3
SUINOS	249 824	248 903	-0.4
OUTROS	66 375	73 334	10.5
TOTAL	1 150 987	1 175 192	2.1

Por outro lado, considerando as empresas que integram a base de monitorização mensal, neste primeiro semestre de 2018, a maior parte das empresas (13 em 19) melhorou ou estabilizou a respetiva produção face ao ano passado, o que significa um relativo aumento na concentração da atividade e na competição entre as empresas (em Portugal, num mercado muito limitado), uma tendência que se acentua em toda a Europa, com maior ou menor resistência, passando de 52.8% para 54.8% da produção. Os resultados de junho, com nova desaceleração, conduziram a um acumulado de 2.1% contra os 2.7% do mês anterior. A resiliência do “mercado livre” continua a fazer-se sentir, apesar da quebra de 1.6% em junho, mas temos ainda um acumulado de 4.4% no período de janeiro a junho, com um ganho de cerca de 18 000 tons. De registar que o peso deste segmento

se situou em 36.4% contra os 35.6% de 2017, sendo de esperar que se mantenha neste patamar ao longo do ano.

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2017	2018	2017	2018	2017	2018	2017	2018
JANEIRO	97	103	42	48	43	45	12	14
FEVEREIRO	88	92	36	42	37	38	10	12
MARÇO	108	103	43	45	45	41	13	13
ABRIL	97	99	36	40	39	41	10	12
MAIO	106	102	41	40	44	43	12	12
JUNHO	100	99	41	41	42	42	11	11
JULHO	102		41		41		10	
AGOSTO	104		46		44		10	
SETEMBRO	100		44		44		10	
OUTUBRO	101		47		47		10	
NOVEMBRO	100		49		48		12	
DEZEMBRO	96		47		44		13	
TOTAL	1 199	598	513	256	518	250	133	74

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Finalmente, no que respeita aos mercados dos **produtos animais**, nos **produtos avícolas**, o frango tem registado preços entre 0.85 e 0.90 €/kg de peso vivo, os ovos entre 0.75 e 0.85 €/kg e o peru em 2.16 €/kg carcaça, assistindo-se a uma tendência de relativa estabilidade. No **leite**, continuamos a assistir a fortes preocupações com a alta da produção, na UE e a nível mundial, e com os baixos preços. Temos ainda uma procura crescente de matérias-primas não OGM, pressionada pelas principais cadeias de distribuição. No entanto, em Portugal, vivemos uma situação ainda mais complexa, com a anunciada descida de preços e a relativa indignação de alguns produtores perante a proposta (que não é nova) de alguma indústria de lacticínios, de pagar aos produtores para não produzir, pelas dificuldades de escoamento da produção. Uma situação que não deixará de ter impacto na nossa Indústria e que já aqui tínhamos previsto. Em Bruxelas, as preocupações prendem-se neste momento com a seca que se vive em países importantes produtores de cereais (como a Alemanha, Hungria, Roménia, França...), com a antecipação das ajudas para outubro (que Portugal também reivindicou para os Açores) e menos com o setor do leite. A questão do regresso da quota leiteira parece definitivamente afastada (pelo menos para já) da agenda política, tanto mais que se discute a reforma da PAC, com propostas que representam, em alguns casos, uma completa mudança de paradigma, para não falar da redução do orçamento. Nos **bovinos de carne**, regista-se uma estabilidade de cotações na Bolsa de 03 de agosto. Nos **suínos**, depois da subida de junho, julho e agosto têm sido de estabilidade como se confirma pelas cotações da Bolsa do Porco de 02 de agosto. O calor excessivo dos últimos dias não deixará de ter consequências na menor oferta, enquanto a procura se desloca para o litoral. As perspetivas são relativamente otimistas, mas os preços não “descolam”. E, como sabemos, estamos dependentes das variações dos mercados europeus, sobretudo de Espanha. Com as matérias-primas em alta e os preços dos produtos finais a não acompanhar esta tendência, face ao que se referiu anteriormente, é difícil ter uma visão animadora para o futuro da Fileira. Mas importa não desistir!